

## **CARTA DO II ENCONTRO DE MULHERES DA TEIA DOS POVOS**

### **Mulheres na luta por Terra, Território e Agroecologia**

Foi num espaço agroecológico à beira do Rio Aliança, no Assentamento Terra Vista, que nos organizamos e realizamos um lindo encontro, com mais de 500 mulheres de várias comunidades e sujeitos: indígenas, quilombolas, pescadoras, assentadas, acampadas, de terreiro de candomblé, educadoras, estudantes, pesquisadoras, urbanas.

As mulheres indígenas, quilombolas e de terreiro de candomblé chegaram chocalhando seus maracás e tocando seus tambores, trazendo o que é de mais belo e significativo em um encontro, a diversidade de culturas dos povos tradicionais. Trouxeram o que é de mais rico em suas bagagens, a alegria contagiante, a fé, a resistência de um povo, as sementes sagradas e seus saberes ancestrais.

Foi com as bênçãos das mulheres indígenas e mulheres de terreiro que demos início ao nosso II Encontro de Mulheres da Teia dos Povos no Assentamento Terra Vista, em Arataca, sul da Bahia, no período de 08 a 10 de março de 2018 com o tema: “**Mulheres na luta por Terra, Território e Agroecologia**”.

Foram três dias de trocas de experiências, reflexões, práticas, celebrações, rituais e místicas envolvendo a luta pela terra e território e o empoderamento das mulheres através da Agroecologia. Com rodas de conversas acerca de temáticas diversas, conversas ao pé da fogueira, foram ocupados os diversos “cantos” do assentamento. A cozinha ficou repleta de homens para preparar o alimento durante os dias do encontro. Junto a isso, a feira de artesanatos, troca de sementes criolas, ciranda infantil e os banhos no Rio Aliança.

Com caráter formativo, o encontro de mulheres constituiu-se um importante espaço onde as participantes tiveram a oportunidade de conhecer, socializar e discutir as diversas formas de lutas e de resistência de seus povos e comunidades. Muitas companheiras chegaram pela primeira vez e ficaram encantadas com a união dos povos e com a agroecologia. As mulheres organizadas do banco de sementes de Maracás trouxeram suas experiências, além de variedades de sementes para a troca. As indígenas tupinambás e pataxós trouxeram os relatos de como elas e seu povo resistiram e resistem a luta pela terra e pelo território. As experiências vividas pelas anciãs sobre a diversidade de alimentos que havia e como essa diversidade vem se perdendo de um tempo para cá.

Diante do momento temeroso e de profundos retrocessos histórico-político-econômico-educacional em que o país está atravessando: um governo ilegítimo, genocídio e feminicídio, os ataques aos direitos historicamente conquistados pelas lutas da classe trabalhadora. Esses foram temáticas debatidas nas plenárias realizadas, com enriquecedoras análises de conjuntura nacional e local, bem como sobre o protagonismo das mulheres nas constantes lutas por terra e território e

Agroecologia e os possíveis impactos no momento atual. Momentos em que as mulheres socializaram suas experiências de lutas, desafios enfrentados apontando também as potencialidades. As rodas de conversa foram os espaços que mais socializamos nossas angústias e dor, com o tema: “A atuação feminina nos espaços de poder – o patriarcado e o capitalismo”. Trazendo como referências mulheres pretas que enfrentaram o patriarcado como Ângela Davis e Maria Carolina de Jesus salientando a importância de conhecermos essas biografias de mulheres que tem vidas muito parecidas com as nossas. Biografias que não são elegidas pelo feminismo branco. O encontro proporcionou-nos que, percebêssemos como as estruturas sociais são masculinas nas instituições como um todo, como essas se manifestam e como o capitalismo desenvolve essas estruturas para nos acorrentar enquanto mulheres, tidas para o sistema como “sexo frágil”.

“O nosso corpo tem de falar contra o patriarcado, o fortalecimento da voz tem de falar contra o patriarcado. Temos de nos treinar de corpo, alma, espírito, colocar tudo em serviço para lutar contra a opressão”. Foram com essas palavras que a professora Flávia Alessandra de Souza trouxe para as mulheres a importância de lutar contra o patriarcado, moldado pelo capitalismo.

Trouxemos para o encontro o nosso compromisso com a luta e a causa das mulheres na luta por terra, território, Agroecologia e empoderamento feminino e, saímos dele, reafirmando que continuamos firmes com a mesma convicção, no entanto, mais fortalecidas, mais conscientes do nosso papel e dos desafios a serem enfrentados.

Em nosso encontro foi lembrando pelas mulheres indígenas que a retomada do território em Tourinhos, em Caramuru, e em outros territórios se consolidou a partir da organização das mulheres, mesmo sendo essas, açoitadas pelo sistema burguês, atacadas a tiros por homens que buscavam impedi-las de retomar as terras. Essa lembrança nos fizeram reconhecer que precisamos dar visibilidade às lutas das mulheres nos distintos espaços de atuação. Precisamos deixar ecoar por todos os cantos da Bahia, do Brasil e do mundo o grito silenciado das mulheres e apoiar todas as causas que nos dizem respeito.

Os debates realizados, os relatos advindos das rodas de conversas e plenárias nos fazem reafirmar que: Exigimos a democratização da terra, a garantia dos territórios dos povos, a regularização imediata dos territórios indígenas e quilombolas. Repudiamos os ataques dos ruralistas, a invasão de terras indígenas e terras quilombolas por redes hoteleiras e pousadeiros, o genocídio aos moradores do quilombo com a conivência do Estado Brasileiro, contra os direitos historicamente conquistados por mulheres e homens do campo.

Entendemos que o território é um espaço de luta e resistência, mas também de construção para uma vida saudável para nossos filhos e futuras gerações. O sistema capitalista tem tentando de todas maneiras dividir a cultura dos povos, formulando ações para o controle e divisão social: crédito fundiário, extermínio de lideranças femininas, políticas compensatórias... Dialogar sobre terra e

território é também entender o universo das identidades camponesas e quem é o seu principal inimigo, nos fazendo reafirmar a importância da unidade na diversidade que somos.

Percebemos a necessidade de revermos nossas práticas alimentares e nos comprometemos em aperfeiçoar a prática da Agroecologia em nossos territórios, articulando saberes ancestrais com os novos conhecimentos, usando tecnologias e formação política para o empoderamento das mulheres. Nos comprometemos com a ampliação das redes de sementes e o plantio de mudas para recuperação de nossos rios, nascentes e solo degradado, com o manejo e uso da agroecologia e biodiversidade em Sistemas Agroflorestais (SAF's). Nos comprometemos fortalecer os espaços comunitários de produção, sem o uso de venenos, onde a mulher e o homem, com seus saberes tradicionais, são fundamentais para garantir a soberania dos povos em suas terras através da Agroecologia e sementes crioulas, garantindo assim, a união e a permanência dos povos no campo.

Nossa alegria e gratidão ao encontrar com as mulheres pescadoras, marisqueiras e extrativistas reunidas no mesmo espaço para falar da luta pelas águas e pelas marés. Juntamos a essas irmãs que lutam contra o mesmo inimigo (o capital) para salientarmos os desafios postos perante as águas, denunciando o descaso com que vem sendo tratada a questão das águas pelas grandes empresas. Trouxeram a dificuldade enfrentada em seus territórios, a falta de água doce para o consumo, a destruição dos estuários por conta da velocidade das lanchas, todas as formas de violência sofrida, das doenças ocupacionais enfrentadas afetando diretamente suas vidas.

A certeza de que a caminhada realizada desde o I Encontro de Mulheres, em 2015 foi importante para nossa luta e com a consolidação do II Encontro, temos a certeza que as ações devem continuar. A Teia atuará de forma permanente, enquanto uma rede, para ampliar os debates sobre o empoderamento das mulheres, mas principalmente, fazer com que todas e todos compreendam que o sentido da nossa luta é contra um só inimigo, o capital. É preciso ir para além do capital, é necessário nos fortalecermos através da Agroecologia. Uma Agroecologia que une os povos e saberes, para garantir a nossa autonomia, garantir a nossa identidade cultural, espiritual, ancestral e de classe trabalhadora.

Nos comprometemos na luta pela preservação e garantia de nossas sementes como “patrimônio genético dos povos e da humanidade”. Reafirmamos a necessidade da consolidação de um modo de atuação que garanta a organização autônoma de seus espaços, fortalecendo o enfrentamento da opressão de gênero no campo e na cidade, através das redes de economia popular solidária, das essências florestais, das ervas medicinais, da participação dos homens nos espaços de debates para entender os processos que o capital desenvolve para manter uma sociedade machista e patriarcal.

Reafirmamos que sem a mulher a luta vai pela metade e para mantermos firmes na luta é preciso invocar a proteção dos nossos encantados para continuarmos lutando contra o machismo,

contra a intolerância religiosa, contra o feminicídio, contra toda e qualquer ato de injustiça cometida contra as mulheres. Lutaremos sempre por uma educação descolonial, não patriarcal, antirracista e libertadora, que nos leve a concretizar o nosso Bem Viver.

“Diga ao povo que avance! Avançaremos!”

Assentamento Terra Vista, Arataca, Bahia, 10 de março de 2018.